

Emoção e subjetividade na paixão-pesquisa em comunicação Desafios e perspectivas metodológicas

Maria Luiza Cardinale Baptista¹

Resumo

O presente trabalho discute os aspectos emoção e subjetividade na produção da pesquisa em Comunicação, com base no referencial de Humberto Maturana, Francisco Varela e Félix Guattari, principalmente. Trata de situar a produção do conhecimento em relação ao sujeito maquínico, característico da contemporaneidade - sujeito reconhecido pela sua emoção, como implicação intensa do ser que produz. Retoma, portanto, a relação sujeito-objeto, para sinalizar a constituição de universos de intensidade na pesquisa, universos mobilizadores, apaixonantes. Por fim, propõe algumas perspectivas para a consideração desses aspectos, no plano específico da sua implicação metodológica, da abordagem dos fenômenos comunicacionais e midiáticos.

Palavras-Chave

Pesquisa, Metodologia, Subjetividade.

Abstract

The present work discusses the emotion and subjectivity aspects in the production of the research in Communication, on the basis of Humberto Maturana, Francisco Varela and Félix Guattari, mainly. Its objective is to point out the production of the knowledge in relation to the automated subject, characteristic of the contemporary - subject recognized for its emotion, as intense implication of the human being that produces. It retakes, therefore, the citizen-object relation, to sign the constitution of universes of intensity in the research, universes mobilizers, passionate. Finally, it proposes some perspectives for the consideration of these aspects, in the

¹ Maria Luiza Cardinale Baptista é doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, jornalista, professora e pesquisadora em Comunicação. Exerce atualmente as funções de professora do Departamento de Comunicação Social da ULBRA, Canoas/RS e de diretora da empresa de consultoria em comunicação Pazza Comunicazione. E-mail: malucaba@cpovo.net

specific plan of its methodological implication, of the approach of the communication and media phenomenon.

Key-words

Research, Methodology, Subjectivity.

Introdução

Há algum tempo, eu preparava uma aula sobre escrita acadêmica e a relação com o objeto de estudo² e pensava em como poderia trabalhar uma oficina para explicitar que o processo de escrita acadêmica, bem como o da produção da pesquisa, não é objetivo, não é a-sujeitado, ao contrário, é pleno de marcas dos sujeitos que o vivem. Enquanto dedilhava idéias no teclado do computador, levantei um pouco o olhar e um dos livros, que fica na estante acima, meio que se acendeu. Brilhava de um jeito em particular. Enfim, chamou minha atenção. Eu acredito muito em algo que chamo de ‘conspiração cósmica’ e, mesmo não entendendo o que aquele livro podia contribuir com a oficina que eu tentava criar, interrompi o trabalho e comecei a brincar com ele, dizendo: “Muito bem, o que você tem pra mim? O que você quer me mostrar?”. Folheei o livro e o abri, aleatoriamente, quando encontrei este texto:

Eu considero uma árvore.

Posso apreendê-la como uma imagem. Coluna rígida sob o impacto da luz, ou o verdor resplandecente repleto de suavidade pelo azul prateado que lhe serve de fundo.

Posso senti-la como movimento: filamento fluente de vasos unidos a um núcleo palpitante, sucção de raízes, respiração das folhas, permuta incessante de terra e ar, e mesmo o próprio desenvolvimento obscuro.

Eu posso classificá-la numa espécie e observá-la como exemplar de um tipo de estrutura e de vida.

Eu posso dominar tão radicalmente sua presença e sua forma que não reconheço mais nela senão a expressão de uma lei – de leis segundo as quais um contínuo conflito de forças é sempre solucionado ou de leis que regem a composição e a decomposição das substâncias.

² Para o Curso de Especialização em Práticas Analíticas e Sociais, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS.

Eu posso volatilizá-la e eternizá-la, tornando-a um número, uma mera relação numérica.

A árvore permanece, em todas estas perspectivas, o meu objeto tem seu espaço e seu tempo, mantém sua natureza e sua composição.

Entretanto, pode acontecer que simultaneamente, por vontade própria e por uma graça, ao observar a árvore, eu seja levado a entrar em relação com ela; ela já não é mais um Isso. A força de sua exclusividade apoderou-se de mim.

Não devo renunciar a nenhum dos modos de minha consideração. De nada devo abstrair-me para vê-la, não há nenhum conhecimento do qual devo me esquecer. Ao contrário, imagem e movimento, espécie e exemplar, lei e número estão indissolivelmente unidos nessa relação.

Tudo o que pertence à árvore, sua forma, seu mecanismo, sua cor e suas substâncias químicas, sua “conversação” com os elementos do mundo e com as estrelas, tudo está incluído numa totalidade.

A árvore não é uma impressão, um jogo de minha representação ou um valor emotivo. Ela se apresenta “em pessoa” diante de mim e tem algo a ver comigo e, eu, se bem que de modo diferente, tenho algo a ver com ela.

Que ninguém tente debilitar o sentido da relação: relação é reciprocidade.

Teria então a árvore uma consciência semelhante à nossa? Não posso experienciar isso. Mas quereis novamente decompor o indecomponível só porque a experiência parece Ter sido bem sucedida convosco? Não é a alma da árvore ou sua dríade que se apresenta a mim, é ela mesma. (BUBER, 1974, p.p.7-9)

Com as devidas desculpas por intercalar uma citação tão longa, a ‘fala’ de BUBER me parece excelente para ilustrar o desafio com o qual se depara o pesquisador contemporâneo. Um desafio múltiplo. Gosto também deste texto, porque me instiga a repensar aspectos que venho trabalhando na prática da pesquisa, bem como na perspectiva de avançar na discussão de uma produção de conhecimento que seja empolgante, que tenha vida, em síntese, na linha do que eu venho chamando de paixão-pesquisa em comunicação. As múltiplas possibilidades de se considerar uma árvore podem ser sentidas como uma metáfora para as múltiplas possibilidades de se apreender, de se considerar qualquer ‘objeto’ de estudo e até de se repensar a condição/relação objeto-sujeito da pesquisa. O repensar essa relação tem implicações profundas em todas as dimensões da pesquisa e, claro, nos seus aspectos metodológicos. Para apresentar a perspectiva Emoção e Subjetividade na Pesquisa em Comunicação e seus desafios e perspectivas metodológicas, em direção ao que venho chamando de uma Metodologia da Sensibilidade, começo, situando-me em relação a essa perspectiva.

Apaixonei-me pela metodologia da pesquisa em Comunicação, no primeiro semestre do Curso de Mestrado que fiz na USP, quando cursei uma disciplina sobre o

assunto³. Lembro que a professora, a cada aula, envolvia-nos com novas informações, indicações bibliográficas, com uma perspectiva crítica com relação à Comunicação, à Metodologia. Mais que isso, no entanto, marcou-me uma certa vibração, um brilho no olhar dessa professora, quando falava em pesquisa, quando falava no compromisso ético, político, social, de quem produz conhecimento e de quem se compromete a produzir Ciência da Comunicação, num país como o Brasil. Lembro com carinho das suas falas, das suas cenas, e daquelas aulas que foram incentivadoras para que eu me dedicasse, posteriormente, ao estudo da Metodologia, à tentativa de aprimoramento do fazer e do pensar o processo de produção da pesquisa.

Um aparente paradoxo, no entanto, inquietou-me durante um certo tempo. Como eu tinha me apaixonado por Metodologia ou, melhor dizendo, o que tinha mudado em mim que fazia com que eu me visse tão envolvida com conhecimento sobre o assunto, a ponto de começar a lecionar uma disciplina na área?⁴ Eu questionava, na verdade, as diferenças existentes entre uma jornalista aparentemente desregrada, cujo cotidiano era caótico, apaixonada pelo novo, pelo inesperado, pelo diferente, pela notícia, pela informação... pelo jornalismo. A pergunta, então, era como a jornalista podia conviver com a pesquisadora, também mobilizada emocionalmente por metodologia? Como podiam conviver aparentes diferenças, aparentes paradoxos? Estranhava-me ao perceber o quanto gostava de estudar Metodologia, de me envolver na disciplina necessária para fazer pesquisa, o quanto passei a defender o extremo cuidado com os detalhes em todas as fases, referentes a todas as instâncias do processo de investigação... (LOPES, 1990).

Aos poucos, tudo foi ficando mais claro... apaixonei-me pelo Jornalismo e pela Metodologia da Pesquisa, porque me emociono sempre com a investigação, com a busca cuidadosa da informação, com o processamento adequado, rigoroso, intenso, afetivo. Processamento de informações que me ajuda a desvendar e a mostrar o real, o que existe, ao mesmo tempo que me mostra, que me expõe, sujeito do meu fazer, do meu pensar. Apaixonei-me por Metodologia, porque aprendi a compreendê-la como fundamental para a realização do meu desejo de produção. Desejo que vem do traço da aluna estudiosa desde os primeiros anos escolares. Desejo de quem sempre quer saber mais, algo como a intensidade da curiosidade infantil, mesclada com a marca da menina

³ Metodologia da Pesquisa em Comunicação, ministrada por Maria Immacolata Vassalo LOPES, ECA/USP, primeiro semestre de 1989.

⁴ Refiro-me à disciplina Teoria e Métodos de Pesquisa em Comunicação, que lecionei por dois anos, a partir de 1990, na Universidade de Taubaté, São Paulo, Brasil, e que leciono até hoje na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Canoas, RS, Brasil.

falante, que gosta de estar sempre contando alguma coisa, contando o que sabe do novo. Apaixonei-me por Metodologia porque ela está na essência da minha razão de viver. Viver para me comunicar, entrar em contato com, viver comum, compartilhar mais e mais, informações.

Sempre me incomodou, no entanto, o contraste entre esta perspectiva de Metodologia⁵, a que venho me referindo, e a ‘dureza’ dos textos da área. À medida em que me dedicava, ficava às vezes, com a impressão, de que eram textos escritos para não serem lidos. Textos para iniciados e nunca para iniciantes. Algo na linha “Só os sábios me entenderão...”. Pensava ser isso uma contradição. Se o objetivo é que mais e mais pessoas pesquisem, porque os textos de Metodologia muitas vezes são incompreensíveis?! Talvez porque, depois de enfrentar/decifrar enigmáticos – mas sedutores textos de grandes mestres – nós tenhamos uma tendência a nos exibir ‘semelhantes’ a estes senhores... “Olha como eu aprendi... eu também sei escrever assim...”. Nesse sentido, aviso ao leitor: acredito que aprendi bastante, mas não quero escrever assim... Meu texto é simples, tendo como principal objetivo, compartilhar ‘pensares’, afetos, intensidades na vivência e no estudo da pesquisa e da metodologia.

Como disse no início, resgato aqui a perspectiva **Loucos de Paixão-Pesquisa**⁶, para dizer que só acredito na pesquisa produzida por sujeitos implicados emocionalmente, sujeitos inteiros. Convém deixar claro que, quando falo de emoção, refiro-me ao conceito trabalhado por MATURANA⁷ (1998), que não o opõe à razão, mas o coloca como algo que está na essência do ser humano e de suas ações. Ele apresenta o conceito de emoções da seguinte maneira: “... *são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos. Quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação.*” (MATURANA, 1998, p.15). O autor questiona a desvalorização da emoção pela nossa cultura e explica que isso faz com que não consigamos perceber o entrelaçamento entre emoção e razão, “...que

⁵ O termo Metodologia, em alguns lugares, está sendo usado com inicial maiúscula, pois se refere a um sentido amplo, definição de LOPES (1990, p77): “...*como teorização do processo de produção de conhecimento e como ‘investigação da investigação, a Metodologia, em uma ciência, constitui o espaço por excelência da reflexão de um campo de conhecimentos sobre si mesmo, enquanto prática teórica.*”

⁶ Criei esse *slogan* para representar o trabalho de pesquisa e de iniciação científica dos alunos e professores do Curso de Comunicação Social da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Canoas, RS, Brasil, em 1995. Está referido também em texto intitulado “Roteiro de um Projeto Paixão-Pesquisa. Diálogo com um Pesquisador Iniciante”, que produzi em 1992.

⁷ Biólogo chileno, uma das principais referências da contemporaneidade. Autor da teoria que ele mesmo chama de Biologia do Conhecimento ou Biologia Amorosa. Abre a possibilidade de compreensão do entrelaçamento biológico e social ou cultural do humano.

constitui nosso viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional.” Maturana ensina que todo o sistema racional é constituído a partir de operações com premissas previamente aceitas, a partir de uma certa emoção.

Os conceitos de Maturana reforçam em mim a compreensão de estreito vínculo entre a produção da pesquisa, da Ciência, e o viver e, mais que tudo, o emocionar-se. E essa emoção como algo que, associado à linguagem, distingue o ser humano em relação aos outros seres. Eu tenho dito muitas vezes aos meus alunos e pesquisadores: “O conhecimento que vale é o que corre nas nossas veias”. Refiro-me ao conhecimento, que, como nosso sangue, conduz o oxigênio que nos põe vivos, que nos faz renascer a cada instante. E, claro, isso só é possível como resultado da interação com o Outro, como resultado da produção da linguagem.

O peculiar do humano não está na manipulação, mas na linguagem e no seu entrelaçamento com o emocional (...) O humano se constitui no entrelaçamento do emocional com o racional. O racional se constitui nas coerências operacionais dos sistemas argumentativos que construímos na linguagem, para defender ou justificar nossas ações. Normalmente, vivemos nossos argumentos racionais sem fazer referência às emoções em que se fundam, porque não sabemos que eles e todas as nossas ações têm um fundamento emocional, e acreditamos que tal condição seria uma limitação ao nosso ser racional. Mas o fundamento emocional do racional é uma limitação? Não! Ao contrário, é sua condição de possibilidade... (Maturana, 1998, p.p.18-19).

É nesse sentido que venho trabalhando a concepção de objeto paixão-pesquisa na prática da investigação e do ensino em Comunicação, como pressuposto fundamental. Longe de significar uma visão pueril ou um termo carregado de ingenuidade, sem maior amadurecimento, para mim ‘objeto paixão-pesquisa’ representa uma convicção. O sujeito só produz, se deseja, se algo o mobiliza. A paixão é plena de dispositivos de mobilização. E é assim que me situo - falo do lugar de quem vive, pensa, ensina, estuda investiga Comunicação, como um dos sustentos existenciais. Trago para compartilhar pistas de um conhecimento que venho produzindo, contaminado de emoção assumida. Sim, porque vivemos muito tempo produzindo saber com a emoção escondida e, mais que isso, negada, como se fosse crime.

Tenho pensado o encontro com os autores como encontros-vivos, encontros-vida com parceiros, interlocutores durante a caminhada teórica. Encontros alegres, inquietantes. Encontros de produção do saber. Assim aconteceu com Luís Carlos RESTREPO⁸ (1998). O título de um dos seus livros, além de ser encantador, define nossa ‘aproximação’: O Direito à Ternura.

Entre tantas pistas interessantes, RESTREPO critica o que chama de analfabetismo afetivo e resgata uma palavra interessante, *splacnisomai*, do original grego do Novo Testamento. Essa palavra “...corresponde à conjugação de um verbo desaparecido no século II a III de nossa era e que hoje poderíamos traduzir literalmente como ‘sentir com as tripas’.” Fiquei pensando. É isso. Sentir com as tripas. É preciso um sentimento visceral que nos coloque em movimento.

RESTREPO ressalta que o que caracteriza o humano e o distancia da inteligência artificial é a capacidade de se emocionar, “...de reconstruir o mundo e o conhecimento a partir de laços afetivos que nos impactam.”. Essa idéia se aproxima do que Maturana afirma, no sentido de que o peculiar do humano está na linguagem e no entrelaçamento com o emocionar.

O que temos, então, com estes autores é a possibilidade de compreender que as emoções estão na origem de cada ato – seja uma carícia no ser amado ou a prática de pesquisa científica. Maturana ensina que as emoções são um fenômeno próprio do reino animal. Exemplifica, citando uma barata, em duas situações emocionais diferentes. Quando o humano grita de medo da barata, ela também se assusta e corre de um lado para outro, perdida, meio estonteada. Barata tonta. Sem a pressa, o medo, o susto, a pressão da incerteza diante do desconhecido, tudo seria diferente. Assim também acontece com o humano, nos processos comunicacionais interpessoais e, mais que tudo, no seu envolvimento com a complexa trama comunicacional contemporânea.

Trama Comunicacional

Interessante o exemplo de Maturana, que me remete a uma oficina que criei há algum tempo, para apresentar o conceito de trama comunicacional: **A Comunicação das Baratas Tontas** (BAPTISTA, 1996.). Resumidamente, posso dizer que se trata de

⁸ Pensador colombiano, discute e critica estereótipos contemporâneos que propõem como vergonhoso o sentimento amoroso; defende a necessidade e o direito à ternura, como elemento fundamental nas relações.

um jogo em que três pessoas (emissoras) contam histórias para uma (receptora), ao mesmo tempo. As emissoras devem contar de tal maneira e com tal conteúdo que a sua história seja mais lembrada pela receptora. A receptora, por sua vez, deve procurar lembrar o máximo possível das histórias, da seqüência e da autoria. Já trabalhei com os grupos mais distintos e o resultado da vivência é sempre a explicitação de um fenômeno complexo, carregado de incertezas, não mecânico, não cartesiano, não reducionista. Comunicação trama.

Considero trama comunicacional tanto o conjunto de fios/meios de comunicação/ dispositivos comunicacionais existentes na contemporaneidade, quanto a complexa teia que se estabelece no processo da comunicação, em si, no ato de se comunicar, de entrar em contato com... de produzir comunicação. Ressalto que me refiro à *Comunicação como interação de sujeitos, através do fluxo multidirecional de informações entre eles, numa espécie de trama-teia complexa, composta tanto de elementos visíveis quanto invisíveis, corporais e incorporais, significantes⁹ e a-significantes, podendo ser ou não mediada por dispositivos tecnológicos, na constituição de algo como um campo de força de encontro de energias, decorrente dos universos de referência de cada sujeito envolvido*. Quer dizer, encontro de universos de sujeito, universos subjetivos. Complexo? Sim e não. Depende de compreendermos bem o conceito de sujeito que está em pauta.

Um Jeito Meio Maquínico de Ser

Sujeito. O sujeito aqui não é indivíduo. O sujeito está pensado como um campo de forças múltiplo, complexo, marcado por múltiplas influências. Influências de todos os tipos, desde sua família, suas tribos, sua musicalidade, suas preferências alimentares, suas manias, sua relação com o corpo, sua capacidade de expressão, sujeito pensado de uma maneira holística. Sujeito considerado no seu todo. Sujeito maquinico¹⁰, decorrente da constituição do ser em uma sociedade capitalística. O sujeito contemporâneo tem um jeito maquinico de ser. Sujeito forjado em série, marcado por uma ordem capitalística mundial, seguindo tendências do mercado, ao mesmo tempo em que se aventura em

⁹ Este conceito está baseado no lingüista suíço Ferdinand de SAUSSURE (apud RABAÇA & BARBOSA, 1987, p.p. 535, 536). Para ele, o signo consiste num significante e num significado. E o significante é a imagem do signo tal como a percebemos. De uma maneira bem simples, costuma-se dizer que significante é a parte física do signo.

¹⁰ A noção de subjetividade maquinica está referendada em Félix GUATTARI e Suely ROLNIK (1986).

processos de singularização. Esses processos seriam as tentativas de produção de uma existência singular, com sua marca pessoal, resultante de um processo de autopoiese, de autoprodução.

Para entender a relação do sujeito, suas emoções, com a produção de comunicação, mediada ou não por tecnologias, parto de GUATTARI. Segundo este teórico, a subjetividade é produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais. Trata-se de uma produção plural, não determinista, onde os diferentes registros semióticos não mantêm relações hierárquicas obrigatórias, fixas, definitivas. Os componentes de produção de subjetividade, conforme GUATTARI (1992, p.p 14ss), são múltiplos. Envolvem desde os que se manifestam através da família, educação, meio ambiente, religião, arte, esporte; até os elementos fabricados pela mídia. GUATTARI apresenta-nos ainda, como componentes dessa subjetividade, os de dimensões semiológicas a-significantes, que produzem e veiculam significações e denotações que escapam às regras lingüísticas.

Interessante ressaltar aqui o conceito de máquina, utilizado por GUATTARI, para conceber a noção de uma subjetividade maquínica. A máquina, para este autor, é diferente da máquina mecânica, que só mantém relações perfeitamente codificadas com o exterior. A máquina não é uma coisa, em si, mas o potencial de relações, o conjunto de ações engendrado a partir dela. GUATTARI afirma que as máquinas, no sentido lato (isto é, não só as máquinas técnicas, mas também as máquinas teóricas, sociais, estéticas, etc.), nunca funcionam isoladamente, mas por agregação ou por agenciamento. Ele exemplifica, dizendo que uma máquina técnica, numa usina, está em interação com uma máquina social, uma máquina de formação, uma máquina de pesquisa, uma máquina comercial, etc.

É como elemento integrante-integrado destas máquinas que o sujeito receptor vive. Nunca isolado sempre em relação. Sempre com uma potência a ser disparada, agenciada, sem que para isso se tenha um manual com orientações definidas. Até porque esta máquina-campo de força tem como características os componentes de produção de subjetividade, de que nos fala GUATTARI. O sujeito pesquisador tem, portanto, marcas múltiplas. Marcas que vão desde o campo institucionalizado da pesquisa, a noção de Ciência e o paradigma predominantes num determinado período, suas condições financeiras, até seus traços singulares do processo de individuação, suas cristalizações inconscientes e sua cultura, construída numa trama de relações com o Outro – considerado aqui de forma ampla, no sentido do que não é o ‘eu’, sendo,

portanto, desde as outras pessoas até o ambiente em que vive, as tecnologias com as quais convive, seu cotidiano, suas preferências...

Desafios e Implicações Metodológicas

A noção de sujeito com a qual trabalho permite-me, portanto, questionar a dicotomia sujeito-objeto da pesquisa, bem como a relação de determinação de um sobre o outro. Tenho observado que o ‘suposto objeto’ é o próprio sujeito, mostrando-se nas suas qualidades discursivas, de lógica argumentativa, na representação do real – ao menos, do real que esse sujeito apreende, do seu ‘olhar’ para o real. Olhar marcado pela sua subjetividade.

Como a árvore do texto de BUBER, o objeto existe, mas na interação com o sujeito, vai constituir-se com peculiaridades, características **de relação**, numa espécie de ‘mistura’, de simbiose, de modo que fica sempre difícil a determinação dos limites, ou seja, saber até onde é um, até onde é outro. No processo, na constituição da pesquisa, ‘eu e tu’ mesclam-se. A perspectiva racionalista – mecânica, reducionista, cartesiana – propõe a separação, como prática discursiva, como tentativa de afastar a produção científica do plano das emoções – mais difícil de ser trabalhado. (CAPRA, 1990, 1991, 1997; CREMA, 1989; MATURANA, 1998; MEDINA, 1990-1991 MEDINA e GRECO, 1994; RESTREPO, 1998).

Diante disso, são muitos os desafios a serem enfrentados na produção da pesquisa na contemporaneidade:

Crise de/dos paradigmas – o momento de questionamento de grandes referências, de visões de mundo norteadoras de opções em todas as instâncias da pesquisa – epistemológica, teórica, metódica e técnica – meio que estonteia o pesquisador, traz insegurança, expondo-o em uma espécie de ‘mercado’ acadêmico caracterizado pela multiplicidade de visões, em que, muitas vezes, grandes autoridades apegam-se aos seus pressupostos com uma quase fúria, ameaçando quem os questionar, até porque se sentem, eles próprios, ameaçados.

Concepção de Ciência – Tenho dito que corre nas nossas veias um sangue mecânico-reducionista-cartesiano, que vem sendo injetado, em várias transfusões, com pequenas mudanças, desde o final do século XVI e início do século XVII. Este sangue carrega uma concepção de mundo e, claro, de Ciência. O desafio aqui, então, está na

mudança dessa concepção, para algo mais amplo, que permita vislumbrar as características da visão sistêmica.

Visão Sistêmica – Foi se conformando durante o século XX, tendo os critérios delineados a partir de um aprofundamento da compreensão de teóricos como os biólogos organísmicos, psicólogos da Gestalt e ecologistas. Os avanços proporcionados pela Física Quântica também foram decisivos para a mudança de pensamento que começou a questionar o ‘império’ da visão mecanicista-reducionista-cartesiana, que predominou desde a Revolução Científica.

Os denominados critérios da teoria sistêmica (CAPRA, 1997, p.46) ajudam a antecipar as implicações metodológicas. Um primeiro deles é a **mudança da visão das partes para o todo - e compreensão que os sistemas são totalidades integradas, com propriedades não reduzíveis às partes**. Isto implica em uma abordagem metodológica que não fragmente o objeto, mas considere os fenômenos em sua totalidade, buscando a compreensão da sua trama de relações. Do ponto de vista técnico, implica em uma multiplicação de dispositivos, com o objetivo de abordar, dessa forma, os entrelaçamentos.

Um outro critério trata da capacidade de deslocamento contínuo nos níveis sistêmicos - uma espécie de ruptura com as hierarquizações rígidas e com a fixidez dos ‘pré-conceitos’ - ainda que considerando as peculiaridades das propriedades sistêmicas de um determinado nível, ou seja, das chamadas “propriedades emergentes” deste nível. Quer dizer, aqui temos a necessidade de que o planejamento das estratégias de abordagem dos fenômenos seja o que eu venho chamando de ‘trilha referencial’ e não ‘camisas de força’, que endurecem o processo, muitas vezes. Deparamo-nos com o desafio de embrenharmo-nos no processo para conhecê-lo verdadeiramente e não apenas para confirmar ‘pré-suposições’, como parece ocorrer com alguns pesquisadores. Do ponto de vista técnico operacional, isto implica em planejamento, sim, mas na sensibilidade para alterações e reconsiderações, quando elas se fizerem necessárias pelas evidências.

O terceiro critério envolve a compreensão de que não há partes, mas padrões numa teia inseparável de relações. Portanto, as relações é que são fundamentais. Na década de 70, Geoffrey Chew, em sua filosofia *bootstrap*, já apresentava o universo como uma

...teia dinâmica de eventos inter-relacionados. Nenhuma das propriedades de qualquer parte dessa teia é fundamental; todas elas resultam das propriedades de outras partes, e a consistência global de suas inter-relações determina a estrutura de toda a teia. (CAPRA, 1997 p. 48.)

Neste critério, vale destacar, como decorrência, a importância de pensar em termos de redes. De novo, o desafio de trabalhar com as relações. Nesse sentido, temos a compreensão de que uma das grandes dificuldades é o processamento adequado dos dados obtidos, no que tange ao seu cruzamento. Há muitas pesquisas, com excelente nível de dados coletados, mas com grandes deficiências no que tange à explicitação das suas relações. Temos aqui, então, a demanda de um esmero na descrição dos dados, de modo a apresentá-los na sua complexidade.

Fundamental, como critério sistêmico, a **ruptura com a concepção tradicional de objetividade científica**. “*Quando percebemos a realidade como uma rede de relações, nossas descrições também formam uma rede interconectada de concepções e de modelos.*” (CAPRA, 1997, p.48) .Trata-se da mudança da ciência objetiva para a epistêmica, onde a epistemologia integra a teoria científica. Esta mudança representa a necessidade de um aprofundamento da reflexão sobre a produção, sobre o fazer ciência, rediscutindo ‘os lugares’ de onde se parte, bem como explicitando-os. Lembro BARBERO, quando propõe que, diante das incertezas, devemos refazer os mapas de conceitos básicos e que isto não é possível sem mudar o lugar desde o qual se formulam as perguntas. Considero ilustrador este trecho, de seu texto clássico:

“As tentações ao apocalipse e à volta do catecismo não faltam, mas a mais secreta tendência parece ir em outra direção: a de avançar (...) sem mapa ou com somente um mapa noturno. Um mapa para indagar não outras coisas, que não a dominação, a produção e o trabalho, mas desde outro lado: o das brechas, o consumo e o prazer. Um mapa, não para fuga, mas para o reconhecimento da situação desde as mediações e os sujeitos”. (BARBERO, 1987, p.229)

O quinto critério da visão sistêmica nos fala sobre **a compreensão do limite de todas as concepções e de todas as teorias científicas**. Estas passam a ser vistas como limitadas e aproximadas. “*A ciência nunca pode fornecer uma compreensão completa e definitiva.*” (CAPRA, 1997, p.49). Isto nos leva, na questão metodológica, a repensar a instância teórica, principalmente a tendência de adoção cega de visões de mundo,

incorporando-as integralmente às peculiaridades de um objeto construído – que implica, pela sua construção, numa espécie de jogo de escolha múltipla, envolvendo especificidades difíceis de serem contempladas por apenas uma visão teórica.

O próximo critério está relacionado à **lógica processual - a estrutura do sistema vista como manifestação de processos subjacentes**. O aspecto processual foi enfatizado por Ludwig von BERTALANFFY¹¹, no final da década de 30 e depois explorado pela teoria cibernética, década de 40. Em síntese, temos aqui o desafio de abordagem dos fenômenos em sua dinâmica, como processo de vida, considerado em suas mais complexas dimensões. Do ponto de vista do desafio metodológico, este critério relaciona-se diretamente ao seguinte, qual seja, o **caráter efêmero/ mutação - compreensão dos sistemas abertos, que precisam de um contínuo fluxo de matéria e de energia, extraídas do seu ambiente**. “... os sistemas abertos se mantêm afastados do equilíbrio, nesse ‘estado estacionário’ caracterizado por fluxo e mudança contínuos.” BERTALANFFY chamou esse equilíbrio dinâmico de “equilíbrio fluente”. (CAPRA, 1997, p. 54).

Observo, a partir desses critérios, que é fundamental abrir mão da tendência de buscar o controle total do processo de pesquisa, o que se tentou através da rigidez das definições do método. Considero, nesse sentido, que a própria Metodologia precisa ser reinventada, como instrumental de processos de criação, sendo, ela mesma, uma ‘obra’ humana a ser sempre recriada. Talvez fosse necessário um empreendimento coletivo como os descritos em livro organizado por Domenico de MASI¹², marcados pela associação eficiente entre emoção e regra, gerando o desenvolvimento de grupos coletivos empreendedores. Acredito que já é tempo de apaixonados por Metodologia empenharmo-nos em um projeto comum que reposicione essa dimensão da pesquisa. Tenho convicção que isso pode auxiliar a produção do saber em Comunicação, sendo um dispositivo mobilizador para a ampliação dos processos de produção de conhecimento.

Um outro critério considera a **dimensão de entropia (desordem) nos sistemas** - a ciência que se desorienta, tentando se re-orientar. Herdamos nestes séculos

¹¹ Este biólogo austríaco é conhecido por ter sistematizado os primeiros princípios de organização dos sistemas vivos. Há, no entanto, registros de que Alexander Bogdanov, médico, filósofo e economista russo, concebeu uma teoria geral dos sistemas, intitulada Tectologia, entre 1912 e 1917. Tectologia, do grego tekton = construtor, pode ser traduzida como ‘ciência das estruturas’(CAPRA, 1997, p.p. 50-51)

¹² Refiro-me às 13 experiências de grupos criativos, descritos em livro com título sugestivo, A Emoção e a Regra.

decorrentes da Revolução Científica, nestes tempos de Revolução Pós-Industrial, um arsenal de saber e de descobertas tecnológicas que difundiram a informação e o conhecimento amplamente. A facilidade de acesso às informações, a uma enorme quantidade de informações, mais estonteia que esclarece. O desafio aqui, então, é o desenvolvimento da capacidade de convivência com o caos informacional. Os dados obtidos em uma investigação são muitos, múltiplos, não controláveis totalmente e, pela grandiosidade de seu volume, muitas vezes “entopem” o sujeito, a pesquisa. Travam o processo. Metodologicamente, aqui, o desafio é ficarmos atentos ao que MORIN¹³ (1991, p.89) chama de “recursão organizacional”, muito bem representado pelo autor pela metáfora do redemoinho.

“A idéia recursiva é, portanto, uma idéia em ruptura com a idéia linear de causa/efeito, de produto/produtor, de estrutura/superestrutura, uma vez que tudo o que é produzido volta sobre o que produziu num ciclo ele mesmo autoconstrutivo, auto-organizador e auto-produtor”.
(MORIN, 1991, p.90)

Trata-se de lidar com o caos decorrente da entropia informacional, mas considerando o efeito redemoinho, observando onde ocorrem as recursões organizacionais, para, a partir daí, construir nossas representações do real. “*A ordem e a desordem são dois inimigos: um suprime o outro, mas ao mesmo tempo, em certos casos, colaboram e produzem organização e complexidade.*” (MORIN, 1991, p. 89)

Por fim, pode-se acrescentar um aspecto decorrente dos critérios – mas não menos importante. Defino este aspecto da seguinte maneira: **a ciência se sensibiliza**. Na medida em que o sujeito cientista tem que captar o real também a partir de dimensões sutis, sensíveis, abstratas, dos fluxos que o compõem, que compõem os universos da significação, a demanda extrapola o reducionismo objetivista. É disso que trata, por exemplo, Edvaldo Pereira LIMA (1994), quando cita o russo P. D. Ouspensky, para lembrar a expressão “homem dormindo”, que representa o estado de letargia a que foi condenado o homem moderno. O homem que não enxerga a si mesmo. O homem que transformou as “ferramentas-técnicas” para compreender o real em espécies de engrenagens mecânicas. LIMA fala do paradigma reducionista como aprisionamento dos sentidos, deixando o ser humano...

¹³ Este autor é uma referência importante quanto à flexibilização do processo de busca de conhecimento, considerando a incerteza como algo inerente. Segundo MORIN, a complexidade pode ser pensada com base em três princípios: o diálogo, a recursão organizacional e o princípio hologramático.

“...estrangeiro de si mesmo, reduzido a uma porção diminuta de sua auto-consciência. A emoção genuína perdeu espaço no gelo cirúrgico da lógica e a apreensão intuitiva definhou-se diante da impotência totalitária do raciocínio linear”. (LIMA, 1994, p. 191)

Vislumbres

O que é possível vislumbrar, avistar, então, diante dessas considerações? Apresento, aqui, antes de mais nada, a proposta de criação de um Núcleo Latino-Americano Loucos de Paixão-Pesquisa em Comunicação, para aprofundar e ampliar experiências com o que venho chamando de A Metodologia da Sensibilidade. Convém, antes de mais nada, deixar claro que a proposta não significa o abandono de métodos e técnicas convencionais. Ao contrário, aponta para um aproveitamento intenso, sem preconceitos, de acordo com as necessidades e características apreendidas do real observado. Também não se trata apenas de construir metodologias alternativas (DEMO, 1989, p.p.261), mas de tentar rediscutir a própria Metodologia, no sentido de recriá-la, em processos coletivos, “cartográficos”, no sentido que ROLNIK atribui ao termo, em pesquisa. ROLNIK explica que o cartógrafo é aquele que acompanha as mutações da paisagem, enquanto produz sua representação.

Para isso, o cartógrafo absorve matérias de qualquer procedência. Não tem o menor racismo de freqüência, linguagem ou estilo. Tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matérias de expressão e criar sentido, para ele é bem vindo. Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas. Por isso o cartógrafo serve-se de fontes as mais variadas, incluindo fontes não só escritas e nem só teóricas (...) O que ele quer é se colocar, sempre que possível, na adjacência das mutações das cartografias... (...)o que quer é apreender o movimento que surge da tensão fecunda entre fluxo e representação: fluxo de intensidades escapando do plano de organização de territórios, desorientando suas cartografias, desestabilizando suas representações e, por sua vez, representações estancando o fluxo, canalizando intensidades, dando-lhes sentido. (ROLNIK, 1989, p.p.68-69).

A minha proposta envolve a recriação da Metodologia de forma atenta às mudanças da paisagem contemporânea, tanto do ponto de vista epistemológico, teórico, metódico e técnico.

Por fim, resta dizer apenas que essa discussão está feita na minha tese de doutoramento e, sua aplicação, na pesquisa de campo que a sustenta. Estudei os processos de escrita do jovem adulto como expressão da trama comunicacional e da subjetividade contemporânea. Fica a proposta de criação do Núcleo Latinoamericano Loucos de Paixão Pesquisa em Comunicação e a minha direção: Maria Luiza Cardinale Baptista, Avenida Cauduro, 42/201, Bom Fim, 90035-110, Porto Alegre, Brasil.

Referências Bibliográficas

- BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. “A Busca do Sujeito-Sujeito”. São Paulo, ECA/USP, 1991. xerox.
- _____. “A Comunicação das Baratas Tontas”. Logos, Ano 5, nº2, 1993.
- _____. “A Interação Subjetiva com o Receptor”. Logos. Ano 7, nº1, 1995/1.
- _____. “A Recepção, o Visual e o Sujeito”. Caesura, Canoas, nº.8, jan/jun 1996, p.p. 3-9.
- _____. “Decifra-me ou te Devoro”. In LIMA, Edvaldo Pereira (org.). Econautas. Ecologia e Jornalismo Literário Avançado. Canoas, ULBRA/Fundação Peirópolis, 1996.
- _____. Comunicação. Trama de Desejos e Espelhos. Canoas, ULBRA, 1996.
- _____. “Panorama Bibliográfico de la Investigación Latinoamericana en Comunicación: 1985-1989. Telos, 19 (fotocópia).
- _____. “América Latina e os Anos Recentes: o Estudo da Recepção em Comunicação Social”. In: SOUSA, Mauro Wilton (org.). Sujeito, O Lado Oculto do Receptor. São Paulo, Brasiliense, 1995.
- BARROS, Aidil de Jesus Paes de e LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. Projeto de Pesquisa: Propostas Metodológicas. Petrópolis, Vozes, 1990.
- BELTRAN, Luís Ramiro. “Estado y Perspectivas de la Investigación en Comunicación en America Latina”. In Memorias de la Semana Internacional de la Comunicación. Bogotá, Pontificia Universidad Javeriana de la Facultad de Comunicación Social, 1981.
- BRENNER, Charles. Noções Básicas de Psicanálise. Introdução à Psicologia Analítica. 3ª edição, Rio de Janeiro:São Paulo, Imago:USP, 1975.
- BUBER, Martin. Eu e Tu. 2ª edição rev. São Paulo, Moraes, 1974.
- CANEVACCI, Massimo (org.). Dialética do indivíduo. O indivíduo na natureza, história e cultura. 3ª edição, São Paulo, Brasiliense, 1981.
- CAPRA, Fritjof. O Ponto de Mutação. A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente. 12ª edição, São Paulo, Cultrix, 1991.
- _____. O Tao da Física.Um Paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental. 11ª edição, São Paulo, Cultrix, 1990.

- _____. A Teia da Vida. Uma Nova Compreensão dos Sistemas Vivos. 9ª edição, São Paulo, Cultrix, 1997.
- CASTRO, Cláudio de Moura. Estrutura e Apresentação de Publicações Científicas. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1976.
- COSTA, Rogério da. Limiares do Contemporâneo. São Paulo, Escuta, 1993.
- CREMA, Roberto. Introdução à Visão Holística. Breve Relato de Viagem do Velho ao Novo Paradigma. São Paulo, Summus, 1989.
- DEMO, Pedro. Metodologia Científica em Ciências Sociais. 2ª edição rev. e ampl. São Paulo, Atlas, 1989.
- GUATTARI, Félix. Caosmose. Um Novo Paradigma Ético-Estético. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992.
- _____. O Inconsciente Maquínico. Campinas, Papirus, 1988.
- _____. Revolução Molecular. Pulsações Políticas do Desejo. 3ª edição, São Paulo, Brasiliense, 1987.
- _____. As Três Ecologias. 3ª edição, Campinas, Papirus, 1981.
- _____ e DELEUZE, Gilles. O que é a Filosofia? Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992.
- _____. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol 1, Rio de Janeiro, Ed. 34, 1995.
- _____ e ROLNIK, Suely. Cartografias do Desejo. 2ª edição, Petrópolis, Vozes, 1986.
- LIMA, Edvaldo Pereira. “Da Vigília ao Sonho Lúcido”. In MEDINA, Cremilda e GRECO, Milton. Saber Plural. Novo Pacto da Ciência 3. São Paulo, ECA:USP:CNPq, 1994, p.p. 189-201.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo. Pesquisa em Comunicação. Formulação de um Modelo Metodológico. São Paulo, Loyola, 1990.
- MADRID, Javier Esteinou. “Ciespal y la Ciencia de la Comunicación”. CHASQUI – Revista Latinoamericana de Comunicación, nº 11, julho-setembro, 1984.
- MASI, Domenico de (org.) A Emoção e a Regra. 3ª edição, Rio de Janeiro, José Olympio, 1999.
- MATOS, Gabriel Niezen. Como Investigar en Comunicación Social. Lima-Peru, CIC-Centro de Investigación en Comunicación, 1989.
- MATURANA, Humberto. Emoções e Linguagem na Educação e na Política. Belo Horizonte, UFMG, 1998.
- MEDINA, Cremilda. Entrevista. O Diálogo Possível. São Paulo, Ática, 1986.
- _____. “O Signo em Processo”. XVII Congresso Brasileiro de Pesquisadores em Comunicação, setembro de 1994, xerox.
- _____ (org.). Novo Pacto da Ciência. A Crise dos Paradigmas - I Seminário Transdisciplinar. São Paulo, ECA/USP, 1990-1991.
- _____ e GREGO, Milton. (orgs.). Novo Pacto da Ciência 3. Saber Plural. O Discurso Fragmentalista da Ciência e a Crise de Paradigmas. São Paulo, ECA/USP/CNPq, 1994.
- MEZAN, Renato. Freud: A Trama dos Conceitos. 3ª edição, São Paulo, Perspectiva, 1991.
- _____. Sigmund Freud. A Conquista do Proibido. 5ª edição, São Paulo, Brasiliense, 1987.
- MORIN, Edgar. Introdução ao Pensamento Complexo. São Paulo, Instituto Piaget, 1991.
- OLIVEIRA, Silvio Luiz de. Tratado de Metodologia Científica. São Paulo, Pioneira, 1997.

- PÁDUA, Elisabeth Matallo Marchesini de. “O Trabalho Monográfico como Iniciação à Pesquisa Científica”. In: Maria Cecília M. de CARVALHO (org.). Construindo o Saber. Técnicas de Metodologia Científica. Campinas, Papyrus, 1988.
- RABAÇA, Carlos Alberto e BARBOSA, Gustavo. Dicionário de Comunicação. São Paulo, Ática, 1987.
- RESTREPO, Luis Carlos. O Direito à Ternura. Rio de Janeiro, Vozes, 1998.
- ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental. São Paulo, Liberdade, 1989.
- SANTOS, Boaventura Souza. Um discurso sobre as ciências. 2ª edição, Porto, Afrontamento, 1988.
- SANTOS, Roberto Elísio dos. Introdução à Teoria da Comunicação. (“Coleção Pistas”), São Bernardo do Campo, Editora do IMS, 1992.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. 16ª edição, Cortez:Autores Associados, 1990.
- SOUSA, Mauro Wilton de. (org.) Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo, Brasiliense, 1995.
- VARELA, Francisco J. et. alii. De Cuerpo Presente. Las Ciencias Cognitivas y la Experiência Humana. Barcelona/España, Gedisa, 1992.